

**MACHADO DE ASSIS:
RETÓRICA E ESTILÍSTICA EM CRÔNICA DO SÉCULO XIX**

Marcia A G. Molina (UNISA-SP)
mmolina@unisa.br

1. Considerações iniciais

Nosso objetivo neste trabalho é o de analisar a crônica sem título de Machado de Assis, publicada em 14 de fevereiro de 1897, na *Gazeta de Notícias*, no Rio de Janeiro, à luz da AD¹²³, servindo-nos, em especial de Van Dijk, em seu *News as Discourse* (1988), para quem a estrutura da notícia e seus processos de produção e compreensão podem estar intimamente ligados às práticas sociais e ideologias de quem as produz e, indiretamente, aos contextos de que se vale a mídia (o institucional e o macrosociológico). A história das ideias linguísticas também constituirá nosso aporte teórico já que entendemos a obra de Machado de Assis como um documento histórico que nos auxilia a pensar a língua portuguesa e interpretar aquela instância enunciativa.

O texto a ser analisado foi publicado, como já falado, em 14 de fevereiro de 1897 e tem como núcleo de relato a figura de Antônio Conselheiro, que começava a tornar-se conhecida da população brasileira.

Analisaremos na crônica três dos níveis ou dimensões textuais sugeridos por Van Dijk na obra citada:

- a) Coerência local;
- b) Implícitos;
- c) Estilo e Retórica.

Sabemos, acompanhando Fairclough (2001, p. 91), que o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas também da constituição e construção de seu significado. Assim, pode ser considerado uma prática social, contribuindo para a construção de identidades sociais, já que representa sujeitos e o mundo em que esses sujeitos circulam.

Van Dijk explicita que uma análise adotando os pressupostos da AD deve caminhar para além do textual, considerando também “os contextos cognitivo, social, cultural ou histórico”. (*op. cit.*, p. 111)

¹²³ Análise do discurso de linha francesa.

Assim, iniciaremos nosso estudo, comungando com os estudiosos acima, fazendo uma rápida abordagem acerca daquele momento histórico, do gênero crônica e do instrumento em que essa circulava, para depois partirmos para a análise do texto.

2. *A crônica de Machado e o momento histórico*

Arrigucci Jr.(1987, p. 51) informa-nos que o significado da crônica está sempre ligado à noção de tempo, ao conceito grego de “chronos”. Para esse autor, ela é um meio de representação temporal dos fatos, um registro da vida “escoada”, passada, “de onde tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido.”

A maioria dos estudiosos concorda que a crônica é um texto breve, que se pauta num acontecimento do cotidiano, narrado em primeiro pessoa e no presente do indicativo, para instaurar proximidade. Além disso, navega entre o jornalístico, já que publicada primeiramente em jornal, e o literário.

Se o repórter é o ‘romancista da atualidade que tem compromisso com a verdade, o cronista será o ‘prosador do cotidiano’ que tem compromisso com as contradições de seu tempo.(REZENDE & CAMPOS, 2005, p. 187).

Machado de Assis, como cronista, conta-nos acerca da vida brasileira, em especial a carioca, registrando de forma perspicaz aquela sociedade de final de século, documentando sua maneira de agir e relacionar-se com o outro.

Esse antagônico e movimentado século eterniza-se, assim, traduzido pelo olhar e pelas palavras do autor que relata a seus leitores de forma crítica e, frequentemente, irônica o mundo em que vive, as pessoas com quem convive e que fazem o seu tempo.

As inúmeras crônicas saídas de suas penas foram publicadas em vários veículos de circulação. A de que nos ocuparemos nesse trabalho foi divulgada, como já dito, no jornal *Gazeta de Notícia*, lançado no Rio de Janeiro no último quartel do século XIX, pouco depois da libertação dos escravos e da proclamação da República, época particularmente dedicada à consolidação do Estado e desenvolvimento nacional. Momento do despertar das ciências, das grandes invenções e da indústria. Conhecido como período da segunda Revolução.

3. *A Gazeta de Notícias*

Van Dijk (*op. cit.*) afirma que a compreensão da mídia escrita envolve alguns passos, dentre eles, o da representação, instigando o estabelecimento de um modelo de situação na memória episódica. Isto quer dizer que, ao lermos determinadas notícias, ativamos modelos prévios e adicionamos-lhes novas informações para constituirmos o novo modelo de situação. São nessas informações que são veiculadas opiniões e difundida a ideologia presente no discurso.

Por outro lado, a imprensa, como veículo de divulgação de informação e formadora de opinião, acaba documentando a realidade retratada, mostrando como são traduzidas as posições e exteriorizados os interesses dos indivíduos que compõem a sociedade, como pensam que ela é, como agem, ou como gostariam que ela fosse.

E é assim que temos de ler as crônicas de Machado de Assis: como documento daquele momento e como representação daquela sociedade, não nos esquecendo de pensar no veículo através do qual circulavam, visto que esses também trazem em seu bojo a ideologia em que acreditam.

Nosso autor publicou essa crônica (e muitas outras mais) na *A Gazeta de Notícias*, jornal fundado por Manuel Carneiro, Ferreira de Araujo e Elísio Mendes, que começou a circular em agosto de 1875. Era diário inovador, que abria espaço para a divulgação da literatura, veiculada em forma de folhetins. Apresentava também os grandes temas nacionais, como abolição dos escravos, monarquia e república. Foi em suas páginas que José do Patrocínio (sob o pseudônimo de *Prudhome*) iniciou a sua campanha pela Abolição, em 1879. Além dele e de Machado de Assis, Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha, Eça de Queirós e Ramalho Urtigão, dentre outros, escreveram em suas páginas.

Era, portanto, um espaço para um fazer jornalístico polêmico e um literário questionador.

4. *Análise da crônica*

Para Van Dijk, uma das mais importantes noções semânticas a ser estudada nos textos é a de *coerência local*, explicando que essa é observada em proposições referentes aos fatos relatados, por meio de relações de tempo, condição, causa e consequência.

Sabemos que o texto é uma unidade semântica, cuja principal informação advém de seqüências organizadas, selecionadas, topicalizadas, e sua compreensão depende de operações como a de seleção e abstração por parte de seu leitor.

A em pauta tem a organização de crônica e essas de Machado de Assis, publicadas aos domingos, tratavam de assuntos diversos, até dos não-assuntos que (não) circularam durante a semana. São textos breves, muitos sem título, narrados predominantemente em primeira pessoa.

Nesse sentido, vejamos o que diz a *semana* personalizada, em outra composição do autor, no mesmo jornal, a respeito do conteúdo nesse gênero textual:

Que boas que são as semanas pobres ! As semanas ricas são ruidosas e enfeitadas, aborrecíveis, em suma. Uma semana pobre chega à porta do gabinete, humilde e medrosa:

– Meu caro senhor, eu pouco tenho que lhe dar. Trago as algebeiras vazias; quando muito, tenho aqui esta cabeça quebrada, a cabeça do Mathias (...)

– Confirmo esse parecer, e aí vamos nós eu e a semana pobre, papel abaixo (...)¹²⁴ (Crônica de 14 de setembro de 1894, *A Semana*, p. 158, 159)

Como poucos eram os sujeitos escolarizados na ocasião, e Machado sabia que seus leitores constituíam a minoria letrada, conta sempre com um leitor atento e sabe que ele será capaz de inferir os não-ditos. Porém quando supõe que isso não ocorrerá, passa até a o *agredir*, como no caso da crônica que passaremos a estudar:

Conheci ontem o que é celebridade. Estava comprando gazetas a um homem m(...) quando vi chegar uma mulher simples e dizer ao vendedor com voz descansada:

– Me dá uma folha que traz o retrato d’esse homem que briga lá fora.

– Quem?

– Me esqueceu o nome dele.

Leitor obtuso, se não percebeste que “esse homem que briga lá fora” é nada menos que o nosso Antonio Conselheiro, crê-me que és ainda mais obtuso do que pareces. (Crônica de 14 de fevereiro, p. 419, grifos nossos)

Referindo-se, literalmente, ao fato de a maioria da população da época ser analfabeta, continua:

¹²⁴ Para facilitar a leitura, foi feita a atualização ortográfica.

A mulher provavelmente não sabe ler, ouviu falar da seita dos Canudos, com muito pormenor misterioso, muita auréola, muita lenda, disseram-lhe que algum jornal dera o retrato do Messias do sertão, e foi comprá-lo, ignorando que nas ruas só se vendem as folhas do dia. (*op. cit.*, p. 420)

Na seqüência, ironiza a situação, sublinhando a questão de o nome Antonio Conselheiro apontar com destaque no cenário mundial:

Esta é a celebridade. Outra prova é o eco de Nova York e de Londres onde o nome de Antonio Conselheiro fez baixar os nossos fundos. O efeito é triste, mas vê se tu, leitor sem fanatismo, vê se és capaz de fazer baixar o menor dos nossos títulos... (*op. cit.*, p. 420)

Uma importante característica dessa crônica e, pode-se dizer, do fazer literário de Machado de Assis, é a utilização da ironia. Essa figura, como sabemos, é de estilo, mas seu uso nesse autor tem uma função retórica muito importante porque auxilia a argumentação, ao convencimento, à concordância, afinal, de que nós não somos nada perante a sociedade, visto que nós, “pobres mortais” nunca tivemos força para conseguir baixar títulos, como o “herói” de seu texto.

Outra marcante característica da obra machadiana, como sabemos, é a interpelação ao leitor virtual. Nesta crônica, parece ter rompido com ele porque são constantes as agressões à sua figura. Já o vimos há pouco, chamando-o de *obtusos*, mais adiante, ofende-o ainda mais uma vez: *A celebridade, caro e tapado leitor, é isso mesmo (idem)*.

Sublinhamos aqui a ironia no uso paradoxal das expressões *caro* e *tapado* atribuídos a seu leitor, instaurando sutil humor ao texto.

Ao lado de um assunto tão tenso para a sociedade brasileira, Machado de Assis comenta o centenário do chapéu alto, da cartola, em 15 de janeiro de 1897, pela sociedade londrina, e nada sabendo da história desse complemento, tece conjecturas:

Ou foi exposto à venda naquela data, ou apontou na rua, ou algum membro do parlamento entrou com ele no recinto de debates, à maneira britânica. Fosse como fosse, os ingleses celebram esse dia histórico da chapelaria humana (*op. cit.*, p. 423)

Para Van Dijk, palavras, períodos e outras expressões textuais que podem ser inferidas no texto comportam importantes dimensões ideológicas. Assim, segundo ele, a análise do não-dito pode se mostrar, muitas vezes, mais relevante que a leitura do que vem expresso textualmente, no caso, não é preciso frisar a banalidade da comemoração...

E mais uma vez, deparamo-nos com a marcante característica das crônicas desse autor: a utilização da ironia:

Aplicando o conceito ao presente caso, direi que a concepção, de um chapeleiro no ventre de sua mãe é, em absoluto, mas interessante que a fabricação de um chapéu; mas hipoteticamente haverá em que a fabricação de um chapéu seja mais interessante que a concepção do chapeleiro. Este não passará para uma geração apenas; aquele ficará novo e passará para muitas gerações. (*op. cit.*, p. 423)

Machado de Assim utiliza-se, neste texto, tanto da ordem direta quanto da inversa: *Fosse como fosse, os ingleses celebram nesse dia... Com efeito, lá vai um século, e ainda não acabou o chapéu alto.* (*op. cit.*, p. 423)

Coordenadas adversativas e subordinadas temporais são as que predominam na crônica:

O efeito é triste, mas vê se tu, leitor (...)

(...) quando vi chegar uma mulher simples e dizer ao vendedor (...)

Ao bem, quando acabar esta seita dos Canudos (...)

Coadunando-se com o fazer do cronista, posiciona-se e, neste caso, ironicamente frente os fatos ocorridos, inserindo-os num determinado espaço temporal.

Esta crônica de Machado de Assim também documenta o momento em que nosso país experimenta, no final do século XIX e no início do século XX, “uma extraordinária e fecundíssima fome de conhecer-se a si mesmo” (PEREIRA, 2011), visto que também registra o lançamento da obra “Sertões” de Coelho Neto:

Coelho Neto ama o sertão, como já amou o Oriente, e tem na palheta as cores próprias – de cada paisagem. Possui o senso da vida exterior. Dá-nos a floresta, com os seus rumores e silêncios, com os seus bichos e rios, e pintanos um caboclo que, por menos que os olhos estejam acostumados a ele, reconhecerão que é um caboclo.

Este livro do *Sertão* tem as exuberâncias do estilo do autor, a minuciosidade das formas, das cousas e dos momentos, o numeroso rol das características de uma cena ou de um quadro (...) (*op. cit.*, p. 420,421)

Acompanhando Munslow (2009, p. 17), julgamos que “os fatos nunca são inocentes porque a evidência factual é investida de significado quando é usada pelo historiador, conforme é correlacionada e situada em um contexto”. Então, quando Machado descreve a minúcia com que Coelho Neto retrata o sertão, insere-nos naquele momento histórico, em que

se preceituava o rigor científico também no fazer literário. E, para confirmar sua asserção e convencer o leitor acerca de seu ponto de vista, cita aquele autor:

Não se contenta com duas breves e fortes; o colorido é longo, vigoroso e paciente, recamado de frases como aquela do céu quente ‘donde caia uma paz cansada’ e de imagens como esta: “a vida banzeira, apenas alegrada pelo som da voz de Felicinha, de um timbre fresco e sonoro de mocidade, derivava como um rio lodoso e pesado de águas grossas, à beira do qual cantava uma ave jocunda”.

Ao mesmo tempo em que nos mostra o lado da sociedade que deseja conhecer o sertão, ironiza aquela que vive na Europa:

Se achardes no *Sertão* muito sertão, lembrai-vos que ele é infinito, e a vida ali não tem esta variedade que não nos faz ver que as casas são as mesmas, e os homens não são outros. Os que parecem outros um dia é que estavam escondidos em si mesmos.

Mencionando o homem que vive de aparências.

Na crônica em questão, expressões características do texto oral buscam instaurar proximidade com o leitor, auxiliando, portanto na argumentação: "Ora bem, quando acabar esta seita dos Canudos (...) Com efeito, lá vai um século (...)"

O mesmo ocorre com o emprego de interrogações, como:

Outro Coelho Neto, se tiver igual talento, pode dar-nos d’aqui a um século um capítulo interessante, estudando o fervor dos bárbaros e a preguiça dos civilizados, que os deixaram crescer tanto, quando era mais fácil tê-los dissolvido com uma patrulha, desde que o simples frade ao fez nada. Quem sabe?

como se tornasse o leitor seu cúmplice. Recordemo-nos aqui que

o efeito estético nasce quando o código é percebido como mensagem e a mensagem é percebida como código, o texto é transferido de um para outro sistema de comunicação, enquanto o público tem a percepção de ambos (RIBEIRO, 2006, p. 24).

E seu público, naquela ocasião, possivelmente, já percebia a força desses ornamentos no discurso.

Para finalizar nossa exposição, atentamos para a grande presença de modalidades axiológicas, expressas tanto por adjetivos quanto de advérbios, auxiliando-o a pintar o quadro social que Machado deseja descrever. Recordemo-nos, maqui, de Bally (1951, p. 216) para quem “a função lógica da modalidade é exprimir a reação do sujeito pensante a

uma representação”, e a apreciativa, em especial, acrescenta ao enunciado um juízo de valor.

A utilização, pois, dessas modalidades no texto de Machado parece instaurar sensações em quem as lê, tornado ainda mais rico seu dizer.

5. Considerações finais

Sabemos que a crônica é, antes, um texto jornalístico e, como tal, atende a algumas das características da notícia. Oliveira (2010) informa que o processo de produção de uma notícia contempla três fases: a seleção de eventos, sua ordenação e nomeação e, por fim, as escolhas lexicais adequadas para obtenção dos efeitos de sentido desejados.

Munslow (2007, p. 25), ensina-nos que a história escrita

é sempre mais do que uma inocente contação de estória precisamente porque ele é o veículo primário para a distribuição e uso do poder. Cada ato particular de organização de dados históricos em uma narrativa não apenas constitui uma ilusão de realidade ‘verdadeira’, mas ao emprestar uma ordem artificial ao passado pode, em última instância, servir como mecanismo de poder (...)

Contudo, a crônica não deixa de ser um texto literário, já que presente nela todo um fazer literário, marcado pela subjetividade e pela função poética da linguagem.

As de Machado aqui analisadas permitiram-nos confirmar isso: ao mesmo tempo em que o autor documenta o passado, transporta-nos para aquela sociedade do final do século, utilizando vários recursos de um fazer literário ímpar.

São vários os recursos estilísticos e retóricos utilizados por ele: figurativização, metáforas, prosopopeias, adjetivações e, em especial, a ironia e as interpelações, que enobrecem os textos, instauram proximidade com seu leitor, convencendo-os pela beleza, leveza e criticidade.

Nesse autor esses dois níveis propostos por Van Dijk (o do estilo e o da retórica) unem-se para traçar o cenário que ele deseja retratar. Por seu filtro tomamos conhecimento de fatos do passado, da sociedade que viveu naquela época, do autor que os organizou.

Machado sabia o que queria dizer e, mais, sabia como dizer, afinal,

O agente constrói uma certa representação sobre a interação comunicativa em que se insere e tem, em princípio, um conhecimento exato sobre sua situação no espaço-tempo; baseando-se nisso, mobiliza algumas de suas represen-

tações declarativas sobre os mundos como conteúdo temático e intervêm verbalmente. (BRONCKART, 2003, p. 99)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Mário. *A Semana por Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1910

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

ARRIGUCCI Jr., Davi. *Enigma e comentário*. Ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. 3. ed. Paris: Klincksieck, 1951.

BRONCKART, Jean Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: Educ, 2003.

FAIRCLOUGH, Normal. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise do discurso*. São Paulo, Pontes, 1989.

MUNSLOW, Alun. *Desconstruindo a história*. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Edson Correia. *O discurso da notícia e a representação da identidade de gênero feminino nos crimes passionais*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

PEREIRA, José Valdir. *Um livro impactual: Os Sertões*. Disponível em: <<http://www.josevaldir.com/site/10/noticias/folha.asp?cod=1786>>. Acesso em 22.05.2011

REZENDE, Vera Lúcia Aparecida; CAMPOS, Edson Nascimento. Estratégias textuais nas crônicas esportivas de Luís Fernando Veríssimo. In: _____. *Análise do discurso & literatura*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

RIBEIRO, José Alcides. *Transdisciplinaridade: literatura brasileira e jornalismo/Correio Mercantil*. São Paulo: Fernando Bilah, 2006.

VAN DIJK, Teun A. *New as discourse*. New Jersey and London: Lawrence E. Associates, 1988.